

ONDE ESTÃO OS OUTROS?

Alfredo Pérez Alencart
(Espanha)

Organização de Álvaro Alves de Faria
Desenhos do pintor Miguel Elias,
de Salamanca - Espanha.



EDITORES

São Paulo – 2019

PREFÁCIO

O Ofício dos que resistem.

A poesia repara a existência. É o que diz o poeta peruano-espanhol Alfredo Pérez Alencart, um dos mais importantes da Espanha, autor de uma obra significativa, professor na Universidade de Salamanca. O poeta afirma, também, que a poesia é reflexão, observando, ainda, que é o ofício dos que resistem. Está correto. Dos que resistem, como ele, diante e dentro de um mundo que perdeu seus valores e cada vez mais se distancia da humanidade. Ao longo do tempo, esse poeta construiu uma obra de solidariedade, de generosidade, em busca de um mundo melhor, da espiritualidade cada vez mais ausente. A poesia é a busca do que se perdeu, uma peregrinação entre as palavras para encontrar a mensagem necessária para a vida. Como escreve num poema deste “Onde estão os outros?”, o poeta não deseja uma liberdade numa cerimônia solene, de aplausos. Não. A liberdade está dentro do homem, do silêncio, do que se faz ausente. “No silêncio cabe um templo para perdoar”, é verdade,

num tempo em que o perdão desapareceu na paisagem existencial, dando lugar aos ferimentos cada vez mais fundos. A poesia de Alfredo Pérez Alencart caminha entre as pedras com sandálias dos que têm a palavra como apelo. Como revelação do Sagrado. “A memória não é uma garrafa lançada ao mar”, escreve num dos poemas, como se a dizer que a mensagem está viva, não perdida num oceano de descrenças. Sendo assim, o poeta tem o poder de dizer que “o tempo não envelhece o silêncio dos inocentes”, referindo-se aos que foram e ainda são massacrados por uma brutalidade que cresce cada vez mais, esse crime hediondo que marca a história do homem na Terra. Este livro enaltece a poesia em defesa da vida. Essa poesia a ser cultivada sempre pelos grandes poetas que lutam, sempre, por um mundo mais igual e justo para todos. A poesia é luta. É batalha. É, antes de tudo, uma prece. Mesmo que, dentro de tudo, está por nascer uma flor do espanto.

AAF

Fevereiro/2019

ONDE ESTÃO OS OUTROS

Onde estão os outros?
Falavas do futuro
pois sabias
o que na realidade ocorreria.

A gratidão
dos lábios tende
a se afastar depressa

e as súplicas
dão lugar
à ingratidão.

Como poucos são
os que voltam atrás

amanhã
tampouco não chegarão a ti
os nove que faltam.

Eu sou
quem agora repete
o ato agradecido

do leproso estrangeiro.

(Para Juan Antonio Monroy, exemplo
a seguir, como seu Mestre)

ESCOLHA

Podes embarcar
na ternura
e sentir como o amor
se oferece à respiração.

Ou bem
podes envenenar-te
até a morte.

Podes abrir os olhos
diante das tragédias cotidianas;

ou podes fazer-te
de cego
em teu sofá confortável.

Não é fácil escolher
quando a esperança
é uma operação
de soma
e subtração.

DIZERES COMUNS

Linguagem que não ondula,
cotidiana para o homem
e seu propósito;

linguagem
que conhece o pó do caminho
e se ilumina ou se despe
para mostrar-se mais nítida,

compreensível para crianças e idosos
que esquecem qualquer derrota
ouvindo palavras
sem asfixia,

palavras que o humor
ou o clamor renascem no meio
da rua, onde passam as meninas
e mulheres,

ou falam com as moças
com seu dizer comum, claro
e contundente,
como o milagre de existir

comunicando-nos.

PAI DE TODO AMANHECER

Todo amanhecer te vejo
iluminado por vaga-lumes
e abro meu coração
que nunca te engana.

Assim não te afastas.
Assim te reconheço
por trás das sombras
ou debaixo das chuvas.

Enquanto os pássaros cantam,
te dou meus tesouros,
palavras simples
que só falam de amor.

Contigo não há ausências
porque viajas comigo
mesmo que a morte cresça,

embora grite o esquecimento.

(Poema feito canção pela israelense Asi
Meskin, em tradução do inglês
por Stuartt Park)



TEMPLO

Em teu silêncio
cabe um templo
para perdoar tanto

e ungir
dúvidas efervescentes
ou aquilo
que abranda a sede,

insistindo
sem fechar os olhos,
sem dizer
palavras em falso,
dragando poços
profundos,

solitário frequente
do sagrado.

RUMOR

Um rumor
como uma faca
corta o lugar
da fraterna
comunhão.

Logo as mãos
não se animam
ao abraço e as demais
não respondem
a nada.

Um rumor turbulento
como fumaça
negra, compete
cabeça a baixo

com deslealdade.

SEMENTE

Enterra
para que penetre no
fundo do sulco

que por ti foi
virado.

Assim
tudo começa,

para que nada
envelheça

e o pequeno
gere
a grandeza,

dê frutos.
tudo quanto seja
molhado.

Assim seja
para a felicidade

do sementeiro.

(Para Jacqueline Alencart,
por todos seus desejos)

A ALEGRIA AVANÇA

Não queres ser outro
que precisa de aprovação
para dar qualquer passo

e caminhar por desfiles
aparentando felicidade.

Tua liberdade
sem te agarrares a lânguidos
aplausos e solenes
ocultações.

Avança a alegria
quando tu mesmo bates
à tua porta e retiras
tudo que está fora do tempo,

o ácido que dilacera
tuas entranhas.

Porque um muda
é que a alegria avança.

LATIDOS

Atravessas
a noite de tormentos
usando atalhos
para fugir
de cães furiosos.

De pedra em pedra
fechas os olhos

a eles
para que não ladrem
quando te conheçam
feliz,

abrindo – inocente –
um presente
inocorrutível.

Aquele que saiu em fuga
eras tu,

relutante a discórdia.



ESTEJA AQUI

Esta memória
não é uma garrafa
lançada ao mar

nem o fruto irascível
da chance.

Esta cidade
vela por meus sonhos
de amanhã

e recebe o poeta
que abraço longamente
porque trouxe
sua eternidade.

Um dia reconheceremos
nossa língua e já
não existirá adeus.

Esteja aqui
testemunhando proximidades

felizes.

(Para Albano Martins)

SOU, SEREI...

Não importa que minha carne
seja derrotada.

Sou, sempre serei
o espírito,
pois cheguei muito antes
de mim mesmo,

em distante tempo
quando as árvores
eram infinitas.

É verdade que logo
fracassarei em tudo,
menos na língua
que aprendi ontem.

Dano menor é perder
o corpo. Meu espírito tem
e terá sua particular
experiência.

Sou e serei o que passa
pelo olho da agulha
com as pupilas

sempre alucinadas.

OVELHA

Fui pastor
antes de ser ovelha
e vi como pecavam
as aves de rapina.

Logo deixei o cajado
e a soberba
para assim estar com o coro
dos desamparados,

não por inocência
mas por indignação.

Hoje bebo o vinho
não de joelhos; e como
o pão sem luvas
de seda.

Ao renascer
de mim mesmo existe
uma reza,
o nutriente da melodia
de algumas Parábolas

preenchendo o vazio
de minha existência.

DURO CORAÇÃO

Teus olhos
limpos de pó
e vaidade,

limpos
de sofrimentos alheios?

Não, não me ensines
teu sorriso
nem proclames
puros ensinamentos.

Prefiro ver
as feridas de quem
não levanta
fortificações.

Não necessito examinar
teu duro coração.

Na mesa
do ser mais justo

é que tropeças.

HOLOCAUSTO

Uma e outra vez
a violência sobre a mesma
raça, velhos e moços
perplexos

diante do ódio atávico,
perseguido a morrer
em tantas fronteiras.

Se tens ou não
o pulso assassino

não basta o perdão
para esquecer tua língua
criminosa.

Para,
uma e outra vez
o genocídio que se espalha,
o estrume
de tua loucura.

O tempo não envelhece
o espírito

dos inocentes.



OLHE A ROGAR

Um olho desperta
e o outro quer adormecer,
hipnotizados
pelas aventuras mortais
que não desfazem
a vida.

Irritado com sua necessidade
tal olhar roga
sobre o pó do
caminho.

Põe em prova tua fé
convidando-te
a passar apressado ao fundo
de tua vergonha.

Os olhos de uma menina
sabem que não é
casual

tanta pobreza.

(Contemplando um quadro de José
Cavaleiro pintado em El Salvador)

AGORA È MUITO TARDE, COMO SEMPRE

Agora,
tarde demais,
como sempre,

muitos vão dizer
da minha excelência.

Melhor deixar-me partir
descalço

e aquecer meus pés
em água quente
dessas poças
que pisei quando menino.

Lembro palavras
mastigadas, gestos hostis,
negações...

Agora cai a chuva
sobre meu espírito alegre.

Melhor dizer vossas
próprias verdades.

HUMILDADE

Existem razões
para esta derrota
cujo granizo
te quebra os dentes,

abrindo um flanco
à tua ostentação.

Permanece assim
ao tempo,

fazendo a reserva de
humildade.

Dando
uma reviravolta sincera
à fábula

do teu brilho.

AMADA COMPANHEIRA

Esposa minha amada
companheira,

sente este pólen
das flores imensas,
esta seiva que te acaricia
por dentro.

À deriva,
sigo ao teu
reino
generoso,

próximo, apelando,

um dia qualquer
do teu lugar,

ao gosto de teus beijos
e ao aroma de teu

roseiral.



NADA TUDO

Seja jovem ou velho,
escritor de versos, aquieta
tua angústia
por subir ao pódio

de onde crês
que o sucesso floresça.

Nenhuma cobiça te desvie
do aprendizado
da Poesia que nunca
desfalece,

da Poesia
que aparenta ser Nada
sendo Tudo.

SERVO DA PALAVRA

Sustentas
em sossego
dessa boa nova
que enlevas uma
e outra vez,

purificando-te
com a água ardente
que goteja mandamentos
para abolir contendias.

Árdua é tua missão
de ler sem
te renderes ao sono,

para descer basta
a linha da dor
e abraçar os derrotados.

Dentro
e fora exercitas
a Palavra,

e és feliz.

(Para Carlos Nejar)

ABRIR OS OLHOS

Esperávamos
tempos de honra,
de bondades soberanas.

Mas ao abrir os olhos
descobrimos as vergonhas
dos que estavam
diante de nós.

Ai de nós,
pois nos expulsarão
para seguir o aperfeiçoamento
de seus enganos.

...E OS ÚLTIMOS, PRIMEIROS

Se tens ou não
a Parábola te servindo
de horizonte.

Não valem as esquivas,
as hipocrisias
de atirar a pedra
e esconder a mão,

e postergar ao último
porque se acham
os primeiros,

antes e depois
de suas crentes orações.

Nas circunstâncias atuais,
os que agem diferente
- existem, e muitos -

não permitem que nada
explique como se regenera

a Parábola.

O ÚNICO JARDIM

Amoroso, preparas o jardim
para que nasça a flor
do espanto.

Quebra a superfície,
argumenta,

então o casulo reinventa
enigmas ou milagres,

e outra vez perfuma
tua vida elevando-te
já sem raízes.

Nela encontras
o fruto da soberania de fogo,
disponível e em transe,
néctar ou seiva,
sempre deleite.

Por teu caminho
poderás chegar a um novo
Paraíso.

Sente
amorosamente.

(Para Miguel Elias, dono do único jardim)



